

Grupo e as fases do seu desenvolvimento segundo Moreno, Fonseca e Knobel

Group and the phases of its development according to Moreno, Fonseca and Knobel

Grupo y las fases de su desarrollo según Moreno, Fonseca y Knobel

Resumo

Este artigo tem por objetivo compreender uma experiência grupal conforme o entendimento das fases de desenvolvimento de grupo, segundo J. L. Moreno, Fonseca e Knobel. A atividade grupal aconteceu por meio de um jogo dramático com finalidade integrativa com estudantes de duas turmas introdutórias de formação em psicodrama, que necessitavam se aglutinar por questões institucionais, e constituir um único grupo. O estudo foi realizado por meio da metodologia da pesquisa-ação, tendo a abordagem qualitativa para a compreensão do fenômeno. Como resultado foi possível perceber os estudantes mais integrados e permissivos ao encontro com o outro e uma amenização dos sentimentos de estranheza e caos, decorrentes da nova configuração grupal.

Palavras-chave: grupo, fase de desenvolvimento grupal, integração, psicodrama.

Abstract

This article aims to understand a group experience according to the understanding of the group development phases, according to J. L. Moreno, Fonseca and Knobel. The group activity took place through a dramatic game with an integrative purpose with students from two introductory classes in psychodrama training, who needed to gather together for institutional issues, and form a single group. The study was carried out using the action research methodology, with a qualitative approach to understand the phenomenon. As a result, it was possible to perceive the more integrated and permissive

students to meet each other and to ease the feelings of strangeness and chaos, resulting from the new group configuration.

Keywords: group, group development phase, integration, psychodrama.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo comprender una experiencia grupal de acuerdo con la comprensión de las fases de desarrollo grupal, de acuerdo con J. L. Moreno, Fonseca y Knobel. La actividad grupal se llevó a cabo a través de un juego dramático con un propósito integrador con estudiantes de dos clases introductorias de capacitación en psicodrama, que necesitaban unirse para asuntos institucionales y formar un solo grupo. El estudio se realizó utilizando la metodología de investigación de acción, utilizando un enfoque cualitativo para comprender el fenómeno. Como resultado, fue posible percibir a los estudiantes más integrados y permisivos para conocerse y aliviar los sentimientos de extrañeza y caos, como resultado de la nueva configuración del grupo.

Palabras clave: grupo, fase de desarrollo grupal, integración, psicodrama.

INTRODUÇÃO

Moreno (1993) desenvolveu extensas pesquisas sociométricas, o que lhe fez compreender e demonstrar o funcionamento da dinâmica grupal, consolidando assim a ciência dos grupos – a Socionomia – nome dado ao conjunto da sua obra, conhecida amplamente pelo nome de psicodrama, que é o seu principal método. O psicodrama preconiza e valoriza o coletivo, estando intimamente ligado ao trabalho com grupos. Segundo Betty Milan (1976, p. 8) “não é só pela ação que o psicodrama se diferencia das outras terapias grupais, mas por estar ancorado numa teoria que visa o grupo e o indivíduo, sem nunca descartar um dos termos, nem reduzir um ao outro”.

Paradoxalmente, Moreno não definiu nenhum conceito de grupo (Knobel, 2012), o que deve ter estimulado aos psicodramatistas contemporâneos a fazê-lo, com por exemplo, Nery (2010, p. 20) quando descreve que o grupo é um “conjunto de pessoas articuladas por papéis e por objetivos sociais comuns, nos quais os estados (coconsciente e coinconscientes) dos indivíduos formarão padrões e dinâmicas relacionais próprias”. Para Knobel (2012) os grupos são uma espécie de agregação humana, com distintas formas de funcionamento e estrutura, que podem ser observadas empiricamente e cientificamente. E ainda segundo Marra (2004) o grupo trabalha com a finalidade de conhecer e reconhecer a si e aos demais, dar fluidez aos papéis e transformar-se nas ações vincutivas.

Num estudo do movimento do grupo compreendido pelas redes sociométricas e pelos átomos sociais, Moreno (1992) retratou a humanidade como constituinte de uma rede de relações aparentes e subjacentes de interação, que podem ser encontradas nas dimensões da tricotomia social, didaticamente divididas em: 1) Sociedade externa: descrição da coletividade. Grupos visíveis, aparentes e observáveis. “O conceito de sociedade externa engloba todos os grupamentos tangíveis e visíveis que integram a sociedade humana” (Russo, 2010, p. 180). 2) Matriz sociométrica: dinâmicas e motivações internas ou invisíveis a perspectiva macroscópica, presentes no interior do átomo social e na tele. E 3) Realidade social: é síntese e a interpenetração das anteriores e da oposição dialética entre essas duas forças, resulta o processo real da vida social.

A tricotomia social contextualiza o ser humano em sua existência social e revela sobre o potencial espontâneo-criativo do grupo e a importância do coletivo para a teoria psicodramática. Cabe evidenciar que Moreno e alguns autores contemporâneos escreveram sobre fases do desenvolvimento do grupo, sendo destacado nesta pesquisa, além de Moreno (1993), Fonseca (2000) e Knobel (1996); que foram os referências

utilizados na compreensão de uma experiência grupal realizada por meio de um jogo dramático com finalidade integrativa.

GRUPOS

Moreno foi um dos pioneiros na inserção da compreensão e reconhecimento da influência do coletivo e do grupo sobre o sujeito e suas relações. Como pode ser visualizado no suposto encontro com Freud, no qual o jovem Moreno relata “O senhor as analisa (referindo-se as pessoas) e as faz em pedaços. Eu as faço atuar seus papéis conflitantes e ajudo-as a reunir seus pedaços” (Moreno, 2014, p. 90), e mesmo com o questionamento da veracidade do encontro e da emissão destas palavras pelo jovem autor; esta compreensão de ser humano em processos vinculativos se torna um dos grandes diferenciais da metodologia psicodramática. E a partir deste entendimento numa perspectiva ampliada das relações, Moreno (1993) descreveu fases de desenvolvimento do grupo, mais precisamente quatro fases de integração: 1) Fase da amorfa: Um estranhamento inicial. Ninguém conhece ninguém, e se já se conhecem não se conhecem naquela circunstância; 2) Fase do reconhecimento recíproco: Fase de confusão, pois o movimento que o grupo inicia é o de buscar se localizar e saber a respeito do outro; 3) Fase da ação: Fase da organização. É neste ponto que o grupo estabelece seu funcionamento e suas regras, bem como os papéis grupais; e 4) Fase das relações mútuas: Fase da produção. Neste período, mobiliza-se o grupo a determinar objetivos comuns, estabelecer metas, decidir processos e métodos.

De forma a somar as referências de Moreno, surge alguns autores que destacam compreensões semelhantes, sendo que neste estudo foi escolhido Fonseca e Knobel.

Fonseca (2000) se refere a quatro fases na evolução da dinâmica grupal, seguindo a matriz de identidade: 1) Fase de indiferenciação: os integrantes ainda não se

diferenciam e o sentimento é de ansiedade; 2) Fase de reconhecimento grupal: começa-se o reconhecimento de si e do outro; 3) Fase da triangulação: surgem os triângulos (trios), onde inclui-se também o coordenador; e 4) Fase de circularização/inversão: nasce uma identidade grupal (eu-nós). O autor destaca que estas fases não acontecem de forma sequencial, mas em espiral, com progressos e retrocessos naturais.

Por último, Knobel (1996) apresenta quatro fases do desenvolvimento do grupo, correlacionado com as estruturas de maturação do bebê, descritas originalmente por Moreno, em 1978, e aplicadas a grupos pela autora. 1) Momento de isolamento: os papéis não estão diferenciados e não existe ação conjunta. Os sentimentos são de medo, ansiedade e insegurança; 2) Momento de diferenciação horizontal: começa-se a apresentar as singularidades e os agrupamentos sociométricos são formados e dissolvidos, gerando sentimentos de confusão; 3) A explicitação dos núcleos comuns de papéis: inicia-se um processo de reconhecimento dos núcleos comuns, por meio de identificação subjetiva e objetiva; e 4) Momento de diferenciação vertical: movidos pela necessidade de pertencimento cria-se um clima de cooperação e colaboração intragrupal e simultaneamente surge a rivalidade e competição intergrupala.

Numa compreensão ampla das fases descritas por Moreno, Fonseca e Knobel é possível encontrar semelhanças epistemológicas na compreensão do desenvolvimento dos grupos. E para além do entendimento das fases, também se faz necessário destacar as ações do diretor em cada período de desenvolvimento grupal.

No primeiro processo grupal: fase da amorfa (Moreno, 1993); Fase da indiferenciação (Fonseca, 2000), e no momento de isolamento (1996) o diretor deve ter conhecimento do desenvolvimento do grupo e das leis de dinâmicas supraindividuais, para o planejamento e intervenção na aplicabilidade da ação. Neste momento os participantes geralmente sentem medo, insegurança e timidez. Ainda não há o

estabelecimento de contrato e nem a definição dos papéis (líder, por exemplo). O objetivo do diretor, nesta fase, é promover a comunicação e o aquecimento, definir o contrato grupal, os objetivos do (s) encontro (s), conter a angústia, ansiedade e possíveis sentimentos persecutórios, promover a sensação de segurança, ajudar os integrantes a fazerem parte do grupo, encorajar breve contato entre eles.

O diretor na fase do reconhecimento recíproco (Moreno, 1993), fase do reconhecimento grupal (Fonseca, 2000) e no momento de diferenciação horizontal (Knobel, 1996) deve continuar promovendo a sensação de segurança, mapear os diversos perfis, permitir e promover os contatos múltiplos, baseando-se na complementariedade de papéis e conhecer e validar as diferenças e a diversidade.

Na fase da ação (Moreno, 1993), fase da triangulação (Fonseca, 2000), e na explicitação dos núcleos comuns de papéis (Knobel, 1996), o diretor deve aceitar e reconhecer as demandas emocionais individuais intensas emergentes no grupo.

E ainda o diretor na fase das relações mútuas (Moreno, 1993), na fase da circularização/inversão (Fonseca, 2000) e no momento de diferenciação horizontal (Knobel, 1996) tem por função apoiar o aparecimento de lideranças, explicitar e trabalhar as diferenças, facilitar a dramatização dos objetivos comuns e promover uma análise interpretativa dos participantes.

METODOLOGIA

Moreno foi um dos primeiros, em meados de 1923, a incluir na pesquisa científica “a participação dos sujeitos da investigação como coautores do projeto, antecipando o método de pesquisa-ação que só aparecia mais tarde” (Knobel, 2012, p. 37). E mesmo a pesquisa-ação não sendo estruturada especificamente para a metodologia psicodramática, esta forma de pesquisa é uma possibilidade de

investigação adequada a esta metodologia, pois permite construir por meio da interação, uma realidade própria daquele grupo (Fleury & Marra, 2012).

E ainda numa delimitação metodológica é necessário ressaltar que além da pesquisa ação este estudo tem uma abordagem qualitativa para compreensão dos fenômenos. Segundo Monteiro, Merengué e Brito (2006) o psicodrama é uma pesquisa originalmente qualitativa, que destaca mais a metodologia do que a teoria.

Como atividade grupal a pesquisadora realizou um jogo dramático com finalidade integrativa, com alunos de duas turmas introdutória de formação e pós-graduação em psicodrama. A junção destas duas turmas fez-se necessário, devido a uma questão institucional, portanto, foi de extrema importância realizar tal atividade para facilitar a construção dos novos vínculos, possibilitando que ambas as turmas pudessem se conhecer e continuar a formação juntas. A pesquisadora já tinha contato e acompanhou as turmas como professora em algumas aulas, o que facilitou a realização da atividade, bem como a compreensão, a leitura das dinâmicas, o enquadramento e análise conforme as fases de desenvolvimento grupal de Moreno, Fonseca e Knobel. Numa contextualização, a turma A estava há oito meses em formação e encontrava-se na fase de ação (Moreno, 1993), na fase de triangulação (Fonseca, 2000), e na explicitação dos núcleos comuns de papéis (Knobel, 1996). Por sua vez, a turma B estava há 4 meses em formação e encontrava-se na fase de reconhecimento recíproco (Moreno, 1993), na fase de reconhecimento grupal (Fonseca, 2000) e no momento de diferenciação horizontal (Knobel, 1996). Todos os vinte estudantes, participantes da pesquisa, assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido.

JOGO DRAMÁTICO

Ao iniciar o encontro, a diretora explicou o motivo pelo qual as duas turmas seriam unidas e a finalidade do jogo dramático. O jogo dramático permite que o indivíduo entre em contato com o lúdico, liberando a espontaneidade e fazendo emergir fortemente a honestidade, a autenticidade e a sinceridade do grupo (Almeida, 2004). E ainda a necessidade da realização deste jogo dramático, era consequente a reconfiguração da identidade do grupo, que certamente iria interferir nas fases de desenvolvimento ou evolução grupal (Fonseca, 2000), ou ainda gerar competição e rivalidade, propiciando problemas relacionais intra e intergrupais (Knobel, 1996). As informações passadas na abertura do trabalho tiveram como objetivo levar o grupo a um campo de segurança, com objetivos claros e compartilhados, numa espécie de contrato grupal inicial.

Depois das explicações, iniciou-se a atividade com iniciadores corporais (Almeida, 1993/1988), sendo que foi solicitado que os alunos caminhassem pela sala, lembrando da história da turma, das pessoas que fazem parte deste grupo, dos aspectos positivos e negativos que permeiam a trajetória da turma, bem como o aprendizado mais importante que tiveram neste grupo. A diretora realizou um aquecimento valorizando a história e a trajetória das turmas, pois conforme afirma Knobel (2012, p.38) “os grupos se configuram por meio de papéis e de alguns projetos comuns”, consequentemente, é preciso respeitar a identidade de grupo.

Terminado este aquecimento, foi solicitado que os alunos se unissem aos demais colegas de sua turma, formando assim dois subgrupos. Cada um iria conversar sobre as lembranças que tiveram durante o aquecimento. Logo em seguida, eles se apresentariam um para o outro subgrupo, constituindo-se a etapa de aquecimento específico, que teve por finalidade possibilitar o conhecimento e reconhecimento de si e dos demais, permitindo fluidez aos papéis e propiciando ações vinculativas (Marra, 2004).

Turma A: um por um dos alunos foi adentrando na sala de aula, e assim que o fizeram, mostravam certo estranhamento, em seguida “congelavam” (ficavam parados imóveis), isso seguiu-se até o último integrante. Assim que todos os alunos estavam parados na sala, começou a tocar a música: solta a pisadinha (Brincadeira e desafio de dança popularizado na internet pelo o humorista Tirulita). Aos poucos, cada integrante do grupo ia “descongelando” seu colega, que começava a dançar. Assim que todos os alunos estavam dançando, dirigiram-se à plateia, a turma B, e os chamaram para dançar. Ao fim da apresentação, todos os alunos (turma A e B) estavam se divertindo e dançando ao som de solta a pisadinha.

Turma B: Os alunos estavam em um círculo, conversando sobre assuntos aleatórios, até que chega uma pessoa com uma mala, e começa a questioná-los sobre quem eles são, os integrantes do grupo acolheram o novo colega, dando as boas-vindas. O grupo começa a relatar que irão fazer uma importante e transformada trajetória. Em seguida, todos se abraçaram de maneira carinhosa e cantam a música: Como é grande meu amor por você, de Roberto Carlos. Eles encerram sua apresentação abrindo o círculo e cantando a música para a plateia, turma A. Neste momento já pode-se perceber o aquietar dos anseios e medos, consequentes do estranhamento inicial (Moreno, 1993).

Terminadas as duas apresentações e tendo conhecimento da trajetória de cada turma, o grande grupo foi instruído a fazer apresentações individuais. Configurando o momento da ação dramática do grupo ou etapa de dramatização, em que se construiu um grande círculo com as duas turmas (já se transformando em um único grupo), onde cada aluno deu um passo a frente e foi apresentado pelos colegas de sua respectiva turma de origem. As apresentações individuais tiveram um teor muito valorativo e carinho. A cada apresentação o grupo foi ficando mais emotivo, mais coeso, mostrando mais integração. A ação teve por finalidade o reconhecimento do grupo não apenas no

aspecto coletivo, e sim, das individualidades e singularidades de seus membros, o que pode favorecer os agrupamentos e triangulações saudáveis para os vínculos grupais (Fonseca, 2000; Knobel, 1996). As apresentações também tiveram por objetivo uma tentativa de ampliação das redes sociométricas e consequentemente dos átomos sociais. A cada novo átomo social em que o sujeito se insere, ele começa conforme os processos vinculativos, a desempenhar um novo papel por meio do processo de aprendizagem e da interação (Menegazzo, Tomasini & Zuretti, 1995), assim sendo, as apresentações não apenas reforçaram as vincularidades e a formação do átomo social, como também ampliaram as redes sociométricas, facilitando a integração entre as turmas.

Após o término desta atividade a diretora estimulou que a turma ficasse a vontade para fazerem perguntas uns aos outros. Dado o tempo, foi realizada uma nova instrução, orientando que apresentassem uma cena representando o que esperam de si, da escola, da formação e do novo grupo. Para a criação desta ação o grupo se mostrou alegre e descontraído. Assim, a nova turma colocou a música: Vai rolar a festa, de Ivete Sangalo e começaram a construir um caminho com almofadas, onde cada aluno trazia uma almofada que ajudava na edificação do trajeto. Depois de pronto, o caminho foi percorrido por todos os alunos, que perpassavam por ele cantando, sorrindo e com muita alegria. Com esta construção coletiva do grupo, temo cunhado por Romãña (1985) a nova turma começa a criar a sua identidade grupal. Os “sujeitos são capazes de tornar-se os principais agentes de suas próprias evoluções e de seus próprios grupos” (Marra, 2004, pp. 46).

A atividade encerrou-com o compartilhar, onde eles falaram da importância deste acolhimento e desta integração para que sentissem a vontade, além disso, elencaram o quanto é prazeroso estar na escola as sextas e sábados para as aulas e

vivências da formação. Alguns alunos afirmaram que o sentimento que perpassou naquele momento foi o de que de já eram uma única turma, e não mais duas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conhecer a dinâmica grupal da turmas que seriam integradas, auxiliou a diretora na leitura das fases que as mesmas pertenciam, conforme seus respectivos autores, e consequentemente, facilitou na elaboração de uma ação adequada ao contexto e ao grupo. O jogo dramático integrativo possibilitou as turmas saírem do caos e dos sentimentos decorrentes do estranhamento inicial da configuração de um novo grupo.

Não é possível afirmar neste momento que houve uma integração suficiente para compreender aspectos sociométricos presentes na dinâmica daquele grupo recém constituído, o que é sabido é que só a continuidade da convivência dará condições de observar as fases de desenvolvimento do novo grupo.

Todavia, o objetivo desta pesquisa se torna contemplado, por respeitar e integrar a dinâmica de cada turma, podendo aos poucos, formar uma nova identidade grupal. Ainda cabe ressaltar que ter conhecimento das fases de grupo segundo Moreno, e dos autores contemporâneos Fonseca e Knobel, proporcionou a possibilidade de leitura de grupo e o desenvolvimento de uma intervenção adequada.

Ainda é importante salientar que esta pesquisa contribuiu a pesquisadora, agregando atributos, conhecimentos e habilidade no manejo de grupo. Por fim, sugere outros estudos, que destaquem a compreensão e evolução dos grupos em intervenções de diferentes modalidades do psicodrama.

REFERÊNCIAS

- Almeida, W. C. d. *Técnicas dos iniciadores*. In: Monteiro, Refina F. (Org.). *Técnicas fundamentais do Psicodrama*. São Paulo: Ágora, 1993/1998.
- Almeida, L. (2014) *O trabalhador no mundo contemporâneo: Psicodrama nas organizações*. São Paulo: Ágora.
- Fleury, H. J., & Marra, M. I. G. C. (2012). *Aplicações dos métodos sociátricos*. In M. P. Nery, & M. I. G. Conceição (Org.). *Intervenções grupais: o psicodrama e seus métodos*. São Paulo: Ágora.
- Fonseca, J. (2000). *Psicoterapia da relação: elementos de psicodrama contemporâneo*. São Paulo: Ágora.
- Knobel, A. M. A. A.C. (1996). *Estratégias de direção grupal*. Revista Brasileira de Psicodrama 4(1), 49-62.
- Knobel, A. M. A. A.C. (2012). *Estratégias terapêuticos grupais*. In M. P. Nery, & M. I. G. Conceição (Org.). *Intervenções grupais: o psicodrama e seus métodos*. São Paulo: Ágora.
- Marra, M. M. (2004). *O agente social que transforma: O sociodrama na organização de grupos*. 2 ed. São Paulo: Ágora.
- Menegazzo, C. M.; Tomasini, M. A.; Zureti, M. M. (1995) *Dicionário de Psicodrama e Sociodrama*. São Paulo: Ágora.
- Monteiro, A.M., Merengué, D., & Brito, V. (2006). *Pesquisa qualitativa e psicodrama*. São Paulo: Ágora.
- Moreno, J. L. (1993). *Psicoterapia de grupo e psicodrama*. 2 ed. Campinas: Psy.

Moreno, J. L. (1992). *Quem sobreviverá?* Fundamentos da sociometria, psicoterapia de grupo e sociodrama. 3 v. Goiânia: Dimensão.

Moreno, J. L. (2014). *Autobiografia*. Traduzido por Luiz Cuschnir. 1 ed. São Paulo: Ágora.

Milan, B. (1976). *O Jogo do esconderijo: terapia em questão*. São Paulo: Novas Ubrais.

Nery, M. P. (2010). *Grupos e intervenções em conflitos*. São Paulo: Ágora.

Romaña, M. A. (1985). *Psicodrama pedagógico: método educacional psicodramático*. Campinas: Papirus.

Russo, L. (2010). Quem sobreviverá? Fundamentos da sociometria, da psicoterapia de grupo e o sociodrama. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 18(2),173-188. Retirado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-53932010000200011&lng=pt&tlng=pt.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

RESOLUÇÃO Nº 466, DE 12 DE DEZEMBRO DE 2012.

Você está sendo convidado (a) a participar como voluntário (a) em uma pesquisa que irá utilizar por objetivo relatar uma experiência grupal e compreendê-la segundo referencial de J.L.Moreno, Fonseca e Knobel, em suas fases de desenvolvimento de grupo. Por meio de um ato socionômico com duas turmas de estudantes em formação em psicodrama, que necessitavam se integrar e constituir um único grupo.

Você não é obrigado (a) a participar desta pesquisa. Ainda cabe ressaltar que você ainda poderá desistir de participar a qualquer momento (antes, durante ou depois de já ter aceitado participar ou de já ter participado), sem ser prejudicado (a) por isso. Os riscos na participação desta pesquisa são mínimos, como possíveis constrangimentos e desconfortos. Qualquer mal-estar apresentado ao participar da pesquisa deverá ser comunicado à pesquisadora para que sejam tomadas as medidas cabíveis, como encaminhamentos e assistências necessárias, mesmo após o término e/ou interrupção da pesquisa. Cabe ressaltar que os encontros não possuem caráter psicoterapêutico. A pesquisadora explicita a garantia de ressarcimento de despesas e indenização por eventuais danos.

Você ainda poderá pedir informações a respeito da pesquisa à pesquisadora. Este pedido pode ser feito pessoalmente ou por e-mail antes, durante ou depois da realização dos encontros, a partir do contato da pesquisadora, constantes no final deste documento. Destaca-se que o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) será produzido em duas vias assinadas e rubricadas pela pesquisadora e pelo participante. Uma via ficará com o participante.

A possível quebra de sigilo é remota, involuntária, e não intencional, apesar de todas as medidas, garantias e providências por parte da pesquisadora. Em caso de necessidade, serão adotados códigos de identificação ou nomes fictícios. Desta forma, os dados fornecidos serão mantidos em sigilo e o mesmo ocorrerá quando esses mesmos dados forem utilizados em eventos e artigos científicos. Informamos que os dados obtidos ficarão sobre a guarda da pesquisadora por um prazo de cinco anos e que, após a data prevista, serão destruídos. O TCLE foi elaborado em duas vias, essas rubricadas e assinadas.

Lembramos que sua participação é voluntária, o que significa que você não poderá ser pago por participar desta pesquisa.

Eu, _____, abaixo assinado, concordo em participar deste estudo como sujeito de pesquisa. Fui informado (a) e esclarecido (a) pela pesquisadora XXXXX sobre o tema e o objetivo da pesquisa, bem como ela será feita. Recebi a garantia de que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto me traga qualquer prejuízo.

Nome do Participante:

CPF (se tiver): _____

RG (se tiver): _____

Local e Data: _____

Assinatura: _____

Instituição XXXX

Pesquisadora XXXXXX CPF: XXXX RG XXXXX

Rua: XXXXXXXX Email: XXXX Tel: XXXX

Assinatura da pesquisadora